

PRAÇA ALFREDO ELLIS JUNIOR

Decreto nº 4992 de 09-11-1976

Formada pela praça sem denominação do Parque do

Taquaral

Situada entre os dois braços da rua Latino Coelho entre as ruas Pascoal Notte e João Chati

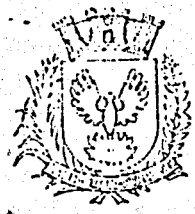
Parque Taquaral

Obs.: Do decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves, consta: "Alfredo Ellis Junior (1896-1974) - Historiador". Protocolado nº 23.345 de 09-09-1976 em nome de prof. Odilon Nogueira de Matos.

ALFREDO ELLIS JUNIOR

Alfredo Ellis Junior, nasceu na Fazenda Santa Eudóxia, em São Carlos, neste Estado em 06-junho-1896 e faleceu em São Paulo em 13-junho-1974. Era filho de Alfredo Ellis e Sebastiana Eudóxia da Cunha Bueno Ellis. Em 1917, formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e dois anos após, já era Promotor Público em Limeira, exercendo o Ministério Público, em seguida, na capital paulista. Em 1930, liderou setores da salvaguarda da "legalidade" e em 1932, integrado ao Batalhão da "Liga de Defesa Paulista", lutou no setor de Cunha, onde foi ferido. No decurso de 1934 a 1937 militou como deputado estadual do Partido Republicano Paulista, deixando a política com a instituição do Estado Novo. De 1931 a 1940 exerceu o magistério no ensino secundário, lecionando, outrossim, no Curso Pré-Jurídico da Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1938, foi nomeado professor da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia da USP. No ano seguinte conquistou a cátedra através de brilhante concurso, na qual permaneceu até 1952, quando se licenciou por saúde, se aposentando em 1956. Pouco depois recebeu o título de Professor Emérito pela Faculdade que tanto lhe deve, pois foi seu diretor até seu afastamento em 1952. Membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Alfredo Ellis Junior pertenceu também, a várias entidades exponenciais da vida pública, cultural, social e científica do Estado, desenvolvendo em todos os setores intensa e proveitosa obra de educador e historiador. Sua obra é extensa e brilhante. A Historiografia contemporânea brasileira internacionalizou-se, ainda mais, com o êxito de sua produção científica. Muito jovem, Alfredo Ellis Junior se iniciou na pesquisa histórica, toda ela voltada para a história de São Paulo. Destacam-se: "O Bandeirantismo Paulista e o Recúo do Meridiano", "Raça de Gigantes", "Confederação ou Separação", "Populações Paulistas", "A Evolução da Economia Paulista e suas Causas", "Meio Século de Bandeirismo", "Feijó e sua Época", "Resumo da História de São Paulo" e outros.

ALFREDO ELLIS JUNIOR



Prefeitura Municipal de Campinas



26 abril 1976

A Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos

O objetivo da presente é propor a essa digna Comissão o nome do eminente historiador paulista ALFREDO ELLIS JUNIOR, para uma das ruas de nossa cidade.

Alfredo Ellis Júnior, filho do Senador Alfredo Ellis ~~Junior~~ e de D. Sebastiana Eudóxia da Cunha Bueno, de tradicionais troncos paulistas, nasceu em São Carlos, precisamente na fazenda Santa Eudóxia (aberta por seu pai naquele município) a 6 de junho de 1896. Diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, dedicou-se cedo à política, tendo sido deputado estadual ainda ao tempo da Primeira República, função que passou a desempenhar, também, após a reconstitucionalização do país em 1934. Com a extinção do poder legislativo em 1937, abandonou Alfredo Ellis Júnior a vida política, passando a dedicar-se exclusivamente ao magistério, a princípio no ensino secundário e depois na Universidade de São Paulo, onde, a partir de 1938 tornou-se titular da Cadeira de História do Brasil, nela permanecendo até 1952, quando suas condições de saúde exigiram-lhe o afastamento. Mais vinte e dois anos viveu ainda Alfredo Ellis Júnior, vindo a falecer aos 13 de junho de (13) 1974.

Muito jovem ainda iniciou-se Alfredo Ellis Júnior na pesquisa histórica, toda ela voltada para a história de São Paulo. De 1924 é seu importante livro "O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano", primeiro de uma série de importantes marcos na bibliografia histórica paulista, a que seguiram-se "Faça de gigantes" (1926), "Confederação ou separação" (1933), "Populações paulistas" (1934), "A evolução da economia paulista e suas causas" (1937), "Meio século de bandeirismo" (1938), "Rei jó e sua época" (1940), "Resumo da história de São Paulo" (1942), "Amador Bueno e a evolução da psicologia planaltina" (1943), "Capítulos da história psicológica de São Paulo", (1944), "Rafoso Tavares e sua época" (1945), "Capítulos da história social de São Paulo" (1946), "O ouro e a Paulistânia" (1948), "O café e a Paulistânia" (1949), "Evolução econômica de São Paulo no século XVII" (1949), "Um parlamentar da República" (biografia de seu pai, o Senador Alfredo Ellis, político e pioneiro na abertura de fazendas no oeste de São Paulo), e ainda outros trabalhos de natureza didática.

Na eventualidade de merecer a presente proposta a aprovação dos ilustres membros da Comissão de Nomenclatura, sugiro que a rua a receber o nome do ilustre historiador seja uma, ainda sem denominação, da Cidade Universitária, em Barão Geraldo.

Com os agradecimentos de

alguma *Odilon Nogueira de Matos*
Odilon Nogueira de Matos

PRAÇA ALFREDO ELLIS JUNIOR



DECRETO N.º 4992, DE 09 DE NOVEMBRO DE 1976

Dá denominação a uma Praça pública da Cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto — Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de Dezembro de 1969:

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada PRAÇA ALFREDO ELLIS JUNIOR (1896 - 1974) — Historiador — a praça S/D que fica entre 2 braços da Rua Latino Coelho com início na Rua Pascoal Nette e término na Rua João Chati.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Praça Municipal, 9 de novembro de 1.976.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 23.345, de 9 de setembro de 1976, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em data supra.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

Uma perda para a historiografia paulista

Odilon Nogueira de MATOS

Com o falecimento de Alfredo Ellis Júnior, ocorrido em meados do mês passado, perdeu a historiografia paulista um dos seus grandes nomes. Afastado de suas funções na Universidade de São Paulo devido a uma tenaz enfermidade que o invalidou por quase vinte anos, deixa uma das mais belas folhas de serviço à cultura paulista, fruto de extremada dedicação ao passado de sua terra, do qual foi incansável pesquisador e cuja evolução histórica analisou sob os mais diversos ângulos. Sua bibliografia compreende para mais de trinta volumes, nos quais a tônica dominante é o acendrado amor a São Paulo e, consequentemente, o interesse por tudo quanto lhe dissesse respeito.

Os primeiros trabalhos de investigação histórica elaborados por Alfredo Ellis Júnior foram duas teses apresentadas a um congresso de História promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1922, ao ensejo do centenário da Independência. Embora os primeiros escritos, não foram os primeiros publicados, pois os anais do referido congresso, nos quais eles foram inseridos, só vieram a público em 1927. E nessa altura, o história de São Paulo e que fora proferida no Centro Paulista, do Rio de Janeiro.

Seus três primeiros livros intitulam-se "O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano", "Raça de gigantes" e "Pedras lascadas". O primeiro representa uma exaustiva pesquisa na documentação histórica mandada publicar por Washington Lus, e que lhe permitiu trazer original contribuição de um dos maiores episódios de nossa história. "Raça de gigantes" teve seu título tomado de empréstimo a Saint-Hilaire. Como é sabido, o grande botânico francês impressionou-se com o passado paulista e para ele certas passagens de nossa história só teriam explicação se os paulistas pertencessem a uma raça de gigantes. Nessa obra Ellis Júnior abordava certos problemas de natureza antropológica, sociológica ou da psicologia social, matérias que constituíam, ainda novidade entre nós, e que nem sempre eram bem assimiladas pelos poucos que, no Brasil, arriscavam-se a tratar de tais assuntos, esposando, muitas vezes, idéias ou conceitos já superados em seus países de origem. A obra de Ellis, sob este aspecto talvez não resista a uma crítica à luz dos novos métodos de pesquisa e investigação dessas matérias, o mesmo, aliás, que se pode dizer de certas páginas de Oliveira Viana, de Silvio Romero ou do próprio Euclides da Cunha. Isso, entretanto, não lhes tira o caráter de pioneiros, desbravadores, em nosso meio, desses novos caminhos, através dos quais, a História e a Geografia deixaram de ser simplesmente narrativas ou enumerativas, revestindo-se ambas do natural e lógico embasamento científico. O livro de Alfredo Ellis Júnior, pondo de lado certos conceitos que hoje precisariam ser reformulados à luz de uma metodologia mais científica, contém páginas admiráveis referentes a certos aspectos de história econômica e social de São Paulo, sobretudo no que respeita à pequena propriedade, à agricultura de subsistência e à miscigenação euro-americana. A importância dada pelo autor a este último tópico foi tão marcante que, ao reeditar seu

livro, quinze anos mais tarde, preferiu dar-lhe outro título: "Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano".

A revolução de 1932 inspirou a Ellis Júnior dois livros: "A nossa guerra", um estudo crítico do movimento constituinte paulista, e "Confederação ou separação", em que estudou a situação de São Paulo nos quadros da Federação. Este último livro alcançou duas edições e acabou sendo quase integralmente incorporado a uma obra publicada em 1937 com o título "A evolução da economia paulista e suas causas". Pouco antes, publicara "Populações paulistas", verdadeiro retrato demográfico de São Paulo nas vésperas da revolução de 30, pois a esse período remontam as pesquisas levadas a efeito pelo autor para escrevê-lo.

Dé permeio com essa produção histórica, econômica e sociológica, enveredou Ellis pelo romance histórico ou de ambientação histórica: "O tesouro de Cavenish", "Jaraguá", "O tigre ruivo", "Madrugada paulista", todos eles implicando em numerosas páginas de reconstrução do passado paulista, bem como pela literatura didática, escrevendo manuais de História para o ensino médio, a que se dedicou quando, após 1930, perdeu o mandato de deputado.

O ano de 1938 marca uma mudança de rumo na vida de Alfredo Ellis Júnior. As circunstâncias criadas com a implantação do "Estado Novo" forçaram-no a renunciar à política e, assim, passou a consagrar-se inteiramente ao magisterio e à pesquisa histórica. Contratado para reger a cadeira de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em substituição a Afonso de Taunay, pouco depois ali efetivou-se por concurso e ali permaneceu até 1952, quando suas condições de saúde tornaram-se precárias, obrigando-o ao afastamento. A partir de 1938, com raras exceções, todos os trabalhos que publicou foram editados oficialmente pela Universidade, na coleção de "Boletins", criada pela instituição para trabalhos originais de pesquisa e investigação, nas mais variadas áreas do saber. Nada menos de onze volumes ali publicou Ellis Júnior, alguns deles peças básicas da bibliografia histórica paulista, tais como "O Ouro e a Paulistânia", "O café e a Paulistânia", "Um parlamentar paulista da República" (biografia de seu pai, o senador Alfredo Ellis) e "Capítulos da história psicológica de São Paulo", entre outros. Para que se avalie a frequência com que Ellis escrevia bastará mencionar que dos treze volumes que constituem a coleção dos "Boletins" da Cadeira de História do Brasil da USP, onze são de sua autoria! E ainda achou tempo para escrever, para outras editoras, uma biografia de Raposo Tavares e uma história social de São Paulo.

Em artigo que tive oportunidade de escrever para a "Notícia Bibliográfica e Histórica", num de seus primeiros números, recordei meu relacionamento pessoal com Alfredo Ellis Júnior, que foi, efetivamente, muito grande. Dedicou-me meu último livro, que não chegou a ser visto por ele. E naquele artigo, a que me referi, da "Notícia Bibliográfica" procedi a um levantamento, não diria completo, mas quase completo, de toda a sua produção, desde a pequena conferência de 1922 até a biografia de seu avô materno, pioneiro da cultura do café no oeste paulista.

Lembraria, para encerrar esta nota, que o historiador há pouco falecido pertenceu à Academia Paulista de Letras, na qual ocupou a vaga deixada pelo historiador campineiro Benedito Otávio.





"In memoriam" de Alfredo Ellis Júnior

Manuel NUNES DIAS

(Diretor da Escola de Comunicação e Artes — Universidade de São Paulo)

Correio Popular
2-Nov-1974

136-1974

Consternou sobremaneira os meios universitários, culturais e sociais, do país e do estrangeiro, a infausta notícia do falecimento de Alfredo Ellis Júnior, ocorrido nesta capital a 13 de junho último. Escritores, artistas, professores e representantes do mundo político juntaram-se às homenagens póstumas ao eminente mestre, acompanhando-o na cerraideira e religiosa caminhada do sepultamento de seu corpo.

A irreparável perda enluteceu a historiografia contemporânea brasileira. Todos lhe devotavam respeito, admiração e apreço, mesmo os que nunca tiveram o aconchego de seu bem-querer, por não lhes serem dadas a honraria e a satisfação de seu convívio.

Seu relacionamento, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, com alunos, professores e funcionários foi uma constante sempre revelada numa ambiência de leal camaradagem. Por isso todos choraram e continuam a chorar, cada qual a seu modo, a sua morte, numa das maiores manifestações de pesar pelo desaparecimento de um homem de vinte e quatro quilates, cuja lembrança jamais se apagará do nosso espírito.

Filho do senador Alfredo Ellis e de D. Sebastiana Eudóxia da Cunha Buenos Ellis, o nosso saudoso professor nasceu a 6 de junho de 1886, em São Carlos, no Estado de São Paulo, na Fazenda Santa Eudóxia.

Seu "currículum", amplo e diversificado, comprova sua admirável qualificação profissional, cultural e científica. Em 1917 formou-se em Direito pela Faculdade "do Largo de São Francisco"; dois anos após já era promotor público em Limeira, exercendo seguidamente o Ministério Público em São Paulo, em sua terra natal.

Em 1930 liderou setores da salvaguarda da "legalidade"; e, em 1932, participou de modo profundos conhecimentos em todos os setores ativo do glorioso Movimento Constitucionalista, chegando a alistar-se como soldado raso no Batalhão da "Liga de Defesa Paulista", no qual pelejou, corajosamente, como vanguardeiro no setor de Cunha, onde foi ferido.

No decurso de 1934 a 1937 militou como Deputado Estadual no então PRP — Partido Republicano Paulista — atuando de modo infatigável na Constituinte daquele ano e, seguidamente, na "Legislativa", cujos Anais da Assembleia revelam a sua oposidade até 1937, quando se instituiu no Brasil o "Estado Novo", contra o qual nunca deixou de investir. De 1931 a 1940 exerceu o Magistério Secundário revelando-se, ademais, em 1923, eminente professor no então curso Pré-Jurídico da Faculdade de Direito de São Paulo.

Data de 1933 seu ingresso no Magistério Oficial Superior, ano em que foi nomeado pro-

fessor interino da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia da USP, em substituição a Afonso d'Escragno-le Taunay. Logo no ano subsequente, em 1939, conquistou com brilho a Cátedra pertinente, defendendo a tese — "Meio Século de Bandeirismo, 1590-1640 — que se destaca, sobremaneira, no rol de suas melhores produções científicas. Nesse mesmo ano foi eleito diretor da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em cuja Administração evidenciou a vida, demonstrando um espírito assaz pragmático na aplicação dos ordenamentos vigentes, com saldo deveras positivo na apuração dos resultados.

Como diretor da então mais importante Unidade da USP, o inesquecível mestre reconfirmou sua capacidade criativa e seu temperamento reservado, constantes os casos a abordar, preferindo agir com eficiência e evitando, na medida do possível, pronunciamentos públicos pessoais. Desse modo, impediu certas especulações prejudiciais à Faculdade e favoreceu o alcance dos objetivos da própria Universidade.

O saudoso professor manteve-se, firme em sua cátedra até 1952 quando, por motivo de doença, entrou em licença para tratamento de saúde até 1956 quando, muito a contra-gosto, foi compulsoriamente aposentado. Pouco depois, recebeu o título de *Professor Emérito* pela Faculdade que tanto lhe deve.

Sua obra é realmente válida. Seu currículo figura entre os melhores da elite docente universitária. A Historiografia contemporânea brasileira internacionalizou-se, ainda mais, com o êxito de sua produção científica. Dir-se-lhe que foi, em determinado período, a espinha dorsal do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da USP, onde atualmente se encontram gerações de licenciados, seus ex-alunos, hoje doutores, live-docentes e titulares, que receberam do saudoso mestre os necessários ensinamentos e a imprescindível ajuda.

Professor Emérito da Faculdade de Filosofia da USP, membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Alfredo Ellis Júnior pertenceu, cu-trossim, a várias entidades exponenciais da vida pública, cultural, social e científica do Estado, desenvolvendo em todos os setores intensa e proveitosa obra de educador e historiador.

Além de estudos de diversa natureza e discursos parlamentares de cunho político, conforme as tendências que sempre demonstrou possuir e que jamais abandonou, deixou publicados mais de meia centena de trabalhos do mais alto valor cultural e científico, destacando-se, no importante rol, entre outros, os

seguintes: "O Bandeirismo Paulista e o Recôdo Meridiano"; "Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro Americano"; "A Economia Paulista e suas Causas"; "Feijó e sua Época"; "Amador Bueno, Rei de São Paulo"; "Capítulos da História Social de São Paulo"; "Raposo Tavares e sua Época"; "Meio Século de Bandeirismo"; "O Ouro e a Paulistânea"; "Um Parlamentar Paulista na República"; "A Economia Paulista no Século XVIII"; em co-autoria com sua filha e discípula Myriam Ellis, hoje titular de História do Brasil, no mesmo Departamento; "O Café e a Paulistânea"; e muitos outros trabalhos que dignificam e elevam a historiografia contemporânea Brasileira, deixando ainda inédita a História de São Paulo programada para dez grossos volumes.

Personalidade deveras rica, professor eminente, escritor, político, jornalista e, sobretudo, homem de ação, Alfredo Ellis Júnior singularizou-se pela simplicidade da vida que viveu, não obstante sua intensa produção científica. As suas qualidades, profundamente humanas, tornaram-no querido em toda parte. Facilidade de trato e disponibilidade para servir caracterizaram sua existência.

Pela simples enumeração dos seus principais trabalhos; pelo vigor e originalidade das suas idéias; pela modéstia que sempre o revelou; pelo muito que fez pela então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, ficara sempre lembrado, enobrecendo os seus descendentes e a multidão de amigos que conquistou com saber e simpatia, bem assim e de modo especial, com sua camaradagem numa convivência, toda ela, feita de lealdade.

Pela sua própria formação profissional, cultural e científica, bem assim pela maneira de ser, o saudoso mestre foi sempre aclamado, falado, imitado. Possuidor de uma vontade férrea de trabalho e de uma dedicação sem limites para o ensino, pesquisa e administração deu provas do seu desejo de aperfeiçoamento e de sua convicção da imperiosa necessidade de habilitação para atingir aquele nível em que apenas se colocam os mais capazes pela inteligência, pela cultura e pela incondicional adesão ao trabalho que dignifica, constroem e eleva.

Alfredo Ellis Júnior soube aprofundar o sentido humano e cultural da docência e da convivência. — Forma universitária do saber, da cultura e da formação do homem.

Foi suficientemente humilde para reconhecer os problemas e demasiadamente corajoso para enfrentá-los. Seu exemplo jamais se apagará da memória das gerações que soube formar, e ficará para todo sempre no coração de todos. Por isso o homenageamos, desde e de todos modos com a alma e o coração retemperados pelas marcas da luta de seu idealismo.

(Do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 02-novembro-1974)

PRAÇA ALFREDO ELLIS JUNIOR



A Praça Alfredo Ellis Jr., localizada na rua Latino Coelho, Parque Taquaral, tem uma dimensão de 13 mil metros quadrados, onde serão construídos um campo de futebol, uma quadra triplíce para a prática de basquete, futebol de salão e volei. Além disso haverá um completo play-ground com balanças, tanques de areia, gangorras, escorregadores e 30 bancos distribuídos em vários pontos.

“Quando à arborização” — afirma Ernesto — “vamos plantar mil árvores das espécies: jequitibás, cássias, cabreúva, mirandibas, eretrinas e 10 mil mudas de plantas ornamentais como as acaliphas, quaresmeirinhas, dracenas, rosas e jasmíns. E tanto esta praça — continua — como a Vinicius de Moraes, estão sendo consideradas prioritárias pelo prefeito Francisco Amaral, e por isso estão sendo construídas em ritmo acelerado pelo DPJ para a entrega até o mês de maio”.

(Do jornal "Correio Popular" de 06-fevereiro-1982)